

05

Carlos Nuno Lacerda Lopes

Arquitectura e modos de habitar
Conversas com arquitectos

PEDRO RAMALHO

“(...) as casas deveriam ter alguma elasticidade, mas não que a casa fosse permanentemente transformável. Não acho isso. O que devia haver era mercado para as pessoas habitarem as casas segundo a sua idade. Por exemplo, uma pessoa está na idade de ter um estúdio, e depois de ter um T2, depois na idade de ter um T3 ou um T4, e a partir de uma certa altura começa a inverter, passa para o T2 e acaba num estúdio.”

05

Carlos Nuno Lacerda Lopes

**Arquitectura e modos de habitar
Conversas com arquitectos**

PEDRO RAMALHO

NOTA PRÉVIA

Arquitectura e Modos de Habitar | Conversas com Arquitectos

A edição deste livro é produzida através dos trabalhos realizados no Centro de Inovação em Arquitectura e Modos de Habitar (CIAMH), integrado no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

O CIAMH actua preferencialmente como um observatório sobre os fenómenos de inovação na arquitectura centrada nos novos modos de projectar, novos modos de construir e novos modos de habitar os espaços arquitectónicos na contemporaneidade. Tem como foco de estudo a Arquitectura segundo três linhas de investigação que se procuram interligar com vista à compreensão dos fenómenos contemporâneos da produção arquitectónica na sua relação com (i) o projecto e com as novas metodologias de concepção, (ii) com a construção e a introdução de novas e velhas tecnologias, materiais e processos construtivos, e, por fim, (iii) com a compreensão dos fenómenos de utilização, ocupação e adaptação desta arquitectura aos modos de vida nas suas complexas realidades, quer geográficas e urbanas, quer políticas e sociais, quer tecnológicas e materiais, ou seja, com a realidade múltipla que nos conforma e que a Arquitectura também forma.

A colecção que decidimos agora editar tem por base um conjunto de entrevistas, conversas e reflexões com alguns dos mais representativos arquitectos da mais reconhecida escola de arquitectura portuguesa, geralmente referida como “Escola do Porto” que, mais do que um local de ensino, *designa* sobretudo um modo especial de ver o mundo, de estar no mundo e, sobretudo, de actuar e construir esse mundo.

Este é apenas um exemplar desta colecção e nessa medida é, tão-somente, um elo de uma cadeia maior que ganhará outra identidade e expressão numa leitura global que convidamos o leitor a realizar. Diríamos que é uma parte de um discurso que se deve compreender no seu todo, de modo a enquadrar melhor os fenómenos da criação, da construção e da produção da arquitectura através das palavras de alguns dos seus protagonistas, os seus autores e assim podermos perceber as variantes e invariantes de um modo de ver e de fazer arquitectura no início do séc. XXI em Portugal.

Deste modo, procuramos cumprir um dos objectivos presentes em qualquer trabalho científico: o de promover, partilhar, divulgar e, sobretudo, disseminar, para além do conhecimento produzido, as conclusões, os dados obtidos ou, tão apenas, o material recolhido. Num primeiro olhar, é exactamente disto que se trata: divulgar, dar a conhecer, permitir que outros desenvolvam e aprofundem as suas pesquisas e os seus modos de ver a Arquitectura que Portugal, em dado momento, realizou sem qualquer interferência ou interpretação.

O que pensam os nossos arquitectos, como vivem, como são as suas casas e como se relacionam com a profissão, com as obras que produzem e como as produziram, como eram e são os seus clientes, o que lhes pediam, como resolviam os seus problemas e, sobretudo, como participam e se interligam com a sociedade, são alguns dos temas que estas conversas visitam sem subterfúgios e em discurso directo.

O facto de muitas destas entrevistas terem sido realizadas há quase uma década, com alguns nomes de referência no panorama da arquitectura nacional, e alguns deles já não se encontrarem entre nós, reforça o valor e a importância documental deste trabalho, permitindo um distanciamento esclarecedor que o tempo já ajudou a filtrar.

Ao longo destas páginas e desta pequena colecção procuramos compreender o processo evolutivo da construção de um ideal de arquitectura, de profissão, de sociedade e de escola que, de um modo claro e objectivo, estas “conversas com arquitectos” nos oferecem, tendo por base uma reflexão pessoal e aberta sobre a arquitectura e os modos de habitar e construir Portugal no início de um novo século que se adivinhava portador de novos e complexos desafios à sociedade e à arquitectura.

Talvez por isso, a pertinência desta colecção que nos permite esclarecer e entender as inquietações teóricas e práticas bem como as circunstâncias que fundamentam a arquitectura portuguesa dos dias de hoje.

INTRODUÇÃO

Pedro Ramalho, a prática profissional como lição de Arquitetura

As palavras que Pedro Ramalho nos deixa nesta entrevista são claras e objetivas. Tal como é a sua arquitetura. Rigor, disciplina e sentido profissional poderão ser alguns dos atributos que caracterizam o seu modo de ver, de fazer e de ser arquiteto.

Para além das muitas obras que Pedro Ramalho projetou, como os edifícios dos Paços do Concelho e a Biblioteca Municipal de Águeda (1981-1985), a intervenção no Teatro Rivoli (1992-1997), ou o edifício da Faculdade de Engenharia do Porto (1988-1994), que de um modo singular caracterizam o seu desenho, encontramos um registo comum, traços de uma família em permanente busca de identidade e, transversalmente, percebemos a sua visão assertiva sobre os modos de projetar para construir. Num olhar mais atento, é possível detetar, no conjunto da sua obra, toda uma série de invariantes que a qualificam e caracterizam. Destes, gostaríamos de salientar dois aspetos que entendemos determinantes para compreensão da sua obra: destacando o carácter pragmático com que exercita o projeto, como meio para um fim e, de um outro modo, a recusa quase obsessiva pela prática de uma arquitetura assente na especulação, seja esta formal, ideológica ou tecnológica.

As obras de Pedro Ramalho falam-nos da materialidade com que se faz a arquitetura, dos processos de a edificar, da autenticidade dos materiais, dos lugares onde se constroem e das pessoas que a habitam, mas também nos fala do modo de a conceber; da origem, da razão de ser onde assenta (em seu entender) toda a criação em arquitetura.

Diríamos que desenvolve tudo isto através de uma metodologia de projeto, otimizada e racional, sem rodeios ou hesitações, diríamos quase “estrangeira”: primeiro através da análise da encomenda, da crítica ao programa; depois pelo estudo e conhecimento do contexto, do levantamento dos limites, das circunstâncias e, por fim, através do domínio das técnicas de construção que permanentemente acompanhou, atualizou e sempre desenvolveu ao longo da sua intensa e profícua atividade profissional.

Tal se pode encontrar numa das suas primeiras obras que projeta, em conjunto com o arquiteto Sérgio Fernandez, para a nova zona da Pasteleira, no Porto de 1964 a 1967: o Bloco da Pasteleira. Esta obra é seguramente, um dos marcos fundamentais da história da habitação coletiva no Porto, por razões que iremos aprofundar ao longo do texto, mas neste contexto porque evidencia desde logo a sua intenção de trilhar outros caminhos, de assumir riscos individuais e próprios, sem receio de procurar a sua identidade e o modo de fazer - diferente e diferenciador - que a sua arquitetura acaba por revelar. Uma arquitetura com voz própria, com identidade e personalidade, ou seja, uma arquitetura autónoma e sem conceções.

Assim se poderá compreender todo o seu percurso de emancipação: primeiro face a uma escola em estruturação,

onde se debatiam os processos de ajustamento pedagógico, a aceitação ou recusa de um modernismo “totalitário”, a integração especulativa sobre as diferentes expressões da “arquitetura popular” na arquitetura portuguesa; passando pela libertação face a um processo metodológico de abordagem disciplinar que a proximidade e o convívio permanente com Arménio Losa lhe facultava indiciando continuidade; até à libertação de referentes intelectuais que os grandes mestres ofereciam, estudando outros, reinterpretando arquiteturas mais distantes, importando didáticas de projeto, sem se fixar a autores, estilos ou conhecidas tendências cruzando materiais e propondo novas metodologias de construção ainda pouco desenvolvidas no meio da construção e, por fim, pela capacidade de arriscar e tentar validar as suas convicções, o seu pensamento e inteligência, acreditando que há muitas possibilidades, muitos caminhos, muitos modos de pensar e de fazer arquitetura mas, apenas um único para fazer a sua própria Arquitetura.

Não se pense, no entanto, que se fixou em códigos ou formas, que foi capaz de se manter, uma vez descoberta a fórmula, na sua zona de conforto, na inflexibilidade de um desenho, na manutenção de uma imagem, na rigidez de um material, ou na reprodução e sistematização de uma tipologia. Nem o seu pensamento, nem a sua inquietação e gosto pelo projeto ou pelo seu particular modo de ver o mundo lhe permitia tal. Como também não foi capaz de aceitar o desenvolvimento acrítico de um “desenhismo” (Nuno Portas) codificante que uma certa ideia de escola, talvez menos capaz, procurou ou sempre procura em alguns

momentos fixar.

Mesmo quando integrou as brigadas S.A.A.L., desenvolvendo o projeto para a zona das Antas, no Porto entre 1974 e 1976, manteve-se fiel à sua visão disciplinar, aos seus códigos de conduta, à sua forma de intervir e ler o território. Aqui, mais do que a procura de um alinhamento estilístico e da tentação pela obra de arquitetura, Pedro Ramalho avança com uma intervenção assente noutros valores: na recuperação do maior número de casas existentes, na recusa ao facilitismo da criação de um “falso progresso” (especulativo e desajustado) e, sobretudo, propondo a preservação da unidade social e urbana desta zona da cidade, resultando uma obra sem data, consequência segundo diz, da *“consciência dos valores culturais que devem ser criticamente considerados como precedentes”* para a criação de todo e qualquer objeto arquitetónico.

Há ainda uma outra fidelidade na sua obra, assente na reflexão crítica sobre os programas, no domínio dos instrumentos e mecanismos de controlo do objeto e da forma arquitetónica. O seu método de trabalho, sem apriorismos ou pré conceitos, revela de facto uma particular continuidade, um saber fazer acumulado, uma memória (mais do que uma série de experiências) que vai fazendo passar de projeto para projeto. Por isso, num olhar desatento pode parecer ter desenvolvido uma certa sistematização ou organizado padrões de semelhança que ligam obras tão distintas como as que realiza: na pequena escala de uma moradia como a do largo da Igreja, na Foz do Douro em 1967 e no projeto do Museu e Auditório na rua D. Hugo, no Porto em 1974; ou nas habitações coletivas

que projetou para a cooperativa de habitação económica “Habitovar” em 1976 e no grande complexo urbanístico e habitacional realizado para a Cooperativa das Sete Bicas em Matosinhos entre 1987 e 1994; ou, num outro plano, o trabalho realizado no projeto de transformação e reabilitação do Teatro Rivoli no Porto em 1992 e na obra de grande e pequena dimensão que projeta para a Universidade do Porto as novas instalações da Faculdade de Engenharia entre 1996 e 2000. É de fato possível encontrar, nestas e noutras obras sinais, persistências, teimosias, modos de fazer, geometrias e sobreposições mas também é possível encontrar as mesmas manifestações de insatisfação de um arquiteto que persegue um ideal de procura, de uma verdade ainda por descobrir.

Mesmo nas obras mais recentes persistem alguns dos sinais que marcaram os seus primeiros projetos, se bem que nestes o afrontamento próprio da juventude evidenciava a oposição aos grandes mestres: Le Corbusier, Gropius ou Mies que, por negação ou ausência, resultavam mais presentes e evidentes. Assim foi no primeiro Bloco da Pasteleira e assim foi nos seguintes três blocos que projetou, onde a espacialidade “*Corbusiana*” se sobrepõe à expressão “*Aaltiana*” que tentou desenvolver, no desenho da luz, no cuidado desenho das fenestraçãoes e em quase toda a pormenorização e tratamento das madeiras exteriores e interiores que ainda hoje parecem evidenciar.

É interessante verificar na sua obra construída, que a aproximação a alguns modelos formais e algumas expressões arquitetónicas aparentemente identificadas com certos autores ou correntes arquitetónicas resultam,

sobretudo, de uma reinterpretação teórica e não de uma qualquer colagem estética ou formal.

Nessa medida devemos salientar a importância de Bruno Zevi na sua obra, trazendo toda uma outra luz sobre o moderno internacional, sobre o organicismo que Frank Lloyd Wright representava. E, a um outro nível, a descoberta que Pedro Ramalho realiza na obra de Coderch e do seu manifesto *“Não são génios que necessitamos agora”*, apelando à *“tradição viva”* e sobretudo à recusa de *“pontífices e doutrinadores”* em arquitetura. Estes autores terão sido determinantes na definição e consolidação de uma estratégia projetual que Pedro Ramalho desenvolveu e à qual se irá manter fiel, sem vacilar, assumindo um ideal de rigor e de profissionalismo, não procurando ser nem pontífice nem doutrinador, assumindo as palavras do crítico Inglês E. de Maré. ao dizer que *“existe a consciência de que os edifícios são de facto para servir os seres humanos e não para confirmar a fria lógica de uma teoria”*.

Foi neste contexto e apesar dele que Pedro Ramalho foi capaz de assumir e construir o seu lugar na arquitetura portuguesa, na Escola do Porto que co-fundou e lhe deu substância e corpo. Foi capaz de realizar um percurso integrado mas à margem, fazendo o seu trilha, o seu *“itinerário”*, sem necessidade do conforto das modas nem de entrar no célebre *“Camião do SAAL”* que muitos, na época, se atropelaram para apanhar e que hoje, por falta de obra, recuperam tentando descobrir quem irá a conduzir. Pedro Ramalho sempre soube colocar-se à margem desses fenómenos que alguns homens, por vezes, promovem, confundindo e baralhando factos, procurando reescrever

as histórias, apagando e reconstruindo outras glórias. A sua dedicação à profissão, ao ensino e ao gosto pela obra, encontra-se expresso em cada projeto que realizou. Essa é a sua lição, o seu exemplo e o modelo a seguir. Todo o resto são cantigas, diria sabiamente o nosso povo.

Dentro da sua visão esclarecida Pedro Ramalho sempre evidenciou e defendeu que o arquiteto não faz projetos mas obras. Porque, no final, o que fica é a obra, a sua relação com o contexto, o lugar e a circunstância e a sua capacidade de transmitir valores, ideias, pensamentos e sensações – criar património – algo que só a Arquitetura, *“pura e dura”*, independente das modas e dos processos, consegue fazer.

Por isso nos diz que o *“campo das formas e da linguagem arquitetónica é naturalmente sujeito a modas, mas se não soubermos interpretá-las criticamente e adaptá-las às nossas próprias realidades físicas e sociais, culturais e técnicas, estamos a entrar, mais uma vez, na gratuitidade das realizações e como consequência, a colaborar na destruição em curso do nosso já reduzido património arquitetónico”*.

O sentido pragmático com que exercita e realiza o projeto aparenta, quantas vezes, uma oposição a um método que a sua Escola desenvolveu: de uma permanente procura de aproximação à solução, à forma e ao contexto por via da tentativa e erro que o desenho, o esquisso, ou a maquete se torna instrumento fundamental para a conceção, para a avaliação e para a necessária decisão.

O seu processo é manifestamente diferente, mais cerebral que gráfico, mais lógico que intuitivo, e desse seu modo de ver e estar na arquitetura. Deste resulta,

necessariamente, uma outra arquitetura, uma outra obra, revelando nos seus projetos uma visão aparentemente sem dúvidas, quase sem hesitações, numa aparente oposição a um método que ajudou a criar e que fundou na “Escola do Porto”. Ou seja, do ponto de vista metodológico, parte da certeza, dos dados objetivos e do que se pensa adquirido como matéria criativa para o desenvolvimento e consolidação da solução arquitetónica, pois a dúvida não faz o projeto.

Mas ao mesmo tempo e sem qualquer laivo de contradição, podemos compreender a Arquitetura de Pedro Ramalho como uma permanente aproximação a um ideal de uma espacialidade que se torna desafio, a um modo de conceber que se torna específico e no domínio dos processos construtivos que aplica, integrando (como poucos) os condicionamentos tecnológicos e da física das construções no ato de projetar e tendo por base o sentido estrutural, a racionalização de processos construtivos e o correto conhecimento dos fenómenos, aplicados ao campo da construção.

É essa capacidade de desenho, o gosto pela criação, o fascínio pela interpretação e discussão do programa, a vontade de construir com qualidade, o domínio da técnica, associado ao conhecimento dos materiais, das suas características e propriedades, nos edifícios que projetou e construiu, que deu corpo a uma outra faceta mais desconhecida no modo de “Ser” arquiteto evidenciando que, para além da arte, a arquitetura exige um saber fazer científico, sobretudo no domínio técnico, na arte de bem construir.

Na dissertação expressamente elaborada para as provas de habilitação para a obtenção do título de professor agregado do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes do Porto, escrito em 1980, publicado mais tarde em 1989 com o título “itinerário”, Pedro Ramalho evidencia essa posição de um modo bastante claro ao afirmar: *“É inerente à atividade de arquiteto um correto conhecimento no campo da construção. (...) Conhecer o processo construtivo não significa renovar a tecnologia, mas uma verdadeira capacidade de integrar os condicionalismos desta matéria no ato de projetar. Dificilmente se poderá chamar arquitetura a uma obra reduzida à simples aplicação da técnica construtiva. Mas não existe verdadeiramente arquitetura fora do processo integrado da construção.”*

Nesta matéria, podemos considerar que Pedro Ramalho é um dos poucos mestres da “Escola do Porto” que mais contribuiu para o reconhecimento profissional da profissão do arquiteto e das suas valências na sociedade portuguesa, apresentando uma obra consolidada, coerente e sobretudo alinhada com os mais altos padrões de exigência tecnológica e construtiva que sempre soube colocar nos seus projetos, em consonância com a obra que criou e com o exercício de cidadania, profissional e pedagógico que realizou – em coerência entre a vida, o que se ensina, se projeta e se constrói: uma obra só!

Recordo que, como professor, pouco lhe interessava a forma, ou a solução. A sua metodologia incidia sempre sobre os dados de partida, a análise, o modo de ver e o pensamento sobre o problema a resolver: quais as condicionantes, quais as regras, como fixar os limites.

Procurava saber o que o aluno colocava em questão para depois avaliar a pertinência do objeto e a adequação ao processo de construção, à estrutura, às hierarquias dos espaços, ao jogo de volumes e à coerência entre o desafio inicial e a solução alcançada.

Por isso a sua exigência resulta da seriedade com que unificava algumas liberdades formais, alguns gestos “criativos” que fazia intenção de não compreender, na ânsia de uma justificação sólida e pertinente por parte do aluno. A constante procura por uma fundamentação, onde a arquitetura se baseia e o seu particular gosto pela construção, pelo processo de edificar, pelo valor poético dos materiais e pelas diferentes capacidades de comunicar e de “fazer” espaços diferentes, era tudo matéria do projeto. O ensino da construção era, neste método, “coisa prévia”, algo inicial: o processo donde parte o projeto, tal como o sítio, o programa e a encomenda. Nada que se resolva a *posteriori* ou no fim de um “projeto”, como uma burocrática ideia do processo de projetar. Desligando mundos, tornando a construção em simples pormenorização ou “aplicação da técnica construtiva”, contrária a uma correta ideia de arquitetura.

As suas obras refletem esse olhar, esse modo de ver e de fazer que o tornem distinto e a sua obra singular e diferente dos demais da sua geração.

O gosto por programas complexos, pelos equipamentos urbanos (Hotéis, Bibliotecas, Teatros, Escolas) por projetos onde a necessidade de liderança na coordenação e na execução de um projeto global é fundamental, resultou numa característica que perseguiu nas grandes obras que

realizou. Mas, terá sido sobretudo no campo da habitação, no estudo da apropriação do espaço, nas diferentes possibilidades de habitar, nos diferentes contextos sociais, no entendimento das diversas realidades económicas e também na adequação e otimização dos processos de construção, que nos revela o sentido humano que a sua arquitetura encerra, feita de uma contundente capacidade de resposta, de uma visão estritamente profissional, de um permanente diálogo entre oposições, entre a certeza e a questão, entre a análise e a decisão, entre o desejo e a aspiração, entre a vontade de uma encomenda e a crítica ao programa feita pelo arquiteto, que soube construir a sua marca, o seu exclusivo modo de fazer e de ser Arquitetura.

Nesta conversa com arquitetos, Pedro Ramalho fala-nos um pouco de tudo isto, de arquitetura e da sua arquitetura, do seu exercício e do seu modo de a fazer, da aprendizagem que realizou e dos modos de ensinar que protagonizou. Fala-nos de vida, da sua memória e da sua obra - um *continuum* de trabalho e de coerência. E é precisamente nessa medida e desse seu exemplo, que lhe estaremos sempre reconhecidos.

Porto, 6 de Outubro de 2015.

Carlos Nuno Lacerda Lopes